

Famintos... (1950), de Carmen de Figueiredo: a questão homoerótica em Manuela

*Famintos... (1950), by Carmen de Figueiredo:
the homoerotic case in Manuela*

Maurício Félix

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

mauriciofelix@estudante.ufscar.br

<https://orcid.org/0009-0007-9154-4669>

Jorge Vicente Valentim

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

valentim@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0002-9275-9801>

RESUMO

Uma das marcas que um regime ditatorial pode deixar em uma sociedade é o ostracismo sobre algumas de suas figuras artísticas. Carmen de Figueiredo (1914-2006) foi uma escritora portuguesa que atuou durante o apogeu do Estado Novo, e teve *Famintos...* (1950), um de seus numerosos trabalhos de escrita, censurado pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Com isso, o objetivo deste trabalho é trazer à luz este romance com o intuito de analisar a personagem de Manuela, sob os vieses de estudos acerca do homoerotismo, convocando textos de Jurandir Freire Costa (2002), Daniel Lance (2016) e Eve Kosofsky Sedgwick (2007). Além disso, esta pesquisa busca retirar essa autora deste armário segregador do ostracismo, uma vez que seu texto busca confrontar um país ortodoxo, dominado pela Igreja Católica.

Palavras-chave: ficção portuguesa de autoria feminina; homoerotismo; Estado Novo; Carmen de Figueiredo; *Famintos...*

ABSTRACT

One of the marks a dictatorial regime can leave on a society is the ostracism of some of its artistic figures. Carmen de Figueiredo (1914-2006) was a Portuguese writer whose work was active during the height of the Estado Novo, and the novel *Famintos...* (1950), one of her numerous works, was censored by the Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Therefore, the objective of this work is to shed light on this novel in order to analyze the character of Manuela, from the perspectives of studies on homoeroticism,

drawing on texts by Jurandir Freire Costa (2002), Daniel Lance (2016) and Eve Kosofsky Sedgwick (2007). Furthermore, this research seeks to bring this author out of this segregated closet of ostracism, since her text seeks to confront an orthodox country dominated by the Catholic Church.

Keywords: Portuguese fiction written by women; homoeroticism; Estado Novo; Carmen de Figueiredo; *Famintos*....

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui, como objetivo, analisar a personagem de Manuela, do romance *Famintos...* (1950), de Carmen de Figueiredo, sob a ótica dos estudos acerca do homoerotismo. Tais inquietações surgiram a partir de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), denominada “Tópicos Especiais de Literatura, História, Cultura e Sociedade: Xerazades silenciadas ou da escrita de autoria feminina em tempos de Ditadura Salazarista”, ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim, durante o primeiro semestre de 2025.

O trabalho será dicotomizado em duas seções, além desta Introdução e da Conclusão. Na próxima, intitulada de “Contexto histórico e político de Portugal”, será feito um breve apanhado sobre o momento português da publicação do romance *Famintos...* (1950), de Carmen de Figueiredo, em meados do século XX. A outra parte, denominada de “Manuela”, centrar-se-á na personagem-objeto, buscando compreender como o homoerotismo se manifesta. Para isso, é preciso justificar o uso dessa expressão, alcunhada por Jurandir Freire Costa (2002), mas utilizada por outros autores, como José Carlos Barcellos (2006) e Jorge Vicente Valentim (2016):

Prefiro a noção de homoerotismo à de “homossexualismo” por três principais razões. A primeira é de ordem teórica. Diz respeito à maior clareza que proporciona o uso do primeiro termo e não dos termos convencionais de “homossexualismo” e “homossexualidade”. Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*. Como ressaltam Lewes (1989) e Stoller (1979, 1987, 1989), interpretar a ideia de “homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano. Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a ideia de que existe

algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual” (Costa, 2002, p. 21-22).

A escolha pelo uso de homoerotismo se dá porque, na trama, Manuela, uma das gêmeas protagonistas, filha de António Luís e Ana Lúcia, possui um desejo por pessoas do mesmo sexo, mas desvincula-se de uma tendência orgânica ou psíquica dessa homossexualidade. Por ser uma expressão flexível, como Costa (2002, p. 21) corrobora, permite-se a leitura da personagem fora de um viés rigorosamente identitário, ou seja, não se trata de se identificar, abertamente, como homossexual (e, conseqüentemente, com toda a carga político-social que o termo carrega), mas de se expressar a partir de um desejo até então proibitivo, restritivo e marginalizado.

Carmen de Figueiredo (1914-2006) foi uma escritora e jornalista portuguesa que atuou durante o período da Ditadura Salazarista (1933-1974). No campo da escrita, produziu quase duas dezenas de textos, sendo, entre eles, quinze romances, três livros de contos e uma novela. Na área jornalística, segundo Ana Bárbara Pedrosa (2019), fundou a revista *Mosaicos-Revista*, onde atuou como editora e diretora. Em 1954, a romancista venceu o prêmio literário Ricardo Malheiros com sua obra *Criminosa...* (1954).

Seu romance, objeto deste trabalho, *Famintos...* (1950), narra a vida de uma família burguesa moradora de uma fazenda denominada de Quinta da Bela-Vista. Ana Lúcia e António Luís formam o núcleo familiar principal da narrativa, sendo os pais das gêmeas Maria Teresa e Manuela. Entretanto, é perceptível, pela narrativa, que a trama tangencia o casal, fazendo-se mote principal nas personagens que os cerceiam, como Filipa, Altina, também chamada de Pardal-sem-Rabo, ambas funcionárias da família da Quinta da Bela-Vista; D. Berta, mãe de António, Maria Cristina e Rodrigo, seus irmãos, assim como outras personagens que surgem com o decorrer da diegese.

Aqui, a fome, a miséria e a dificuldade financeira e profissional, males que atravessam o período da Ditadura Salazarista em Portugal, como será posteriormente apresentado, apenas tangenciam a narrativa. Com um romance burguês, Figueiredo aposta na exposição da hipocrisia de uma sociedade ortodoxa e conservadora (Valentim, 2025, p. 9). O sexo e o ser feminino, que prenominam fortemente na narrativa, rasuram não apenas o romance, mas também a sociedade portuguesa repressiva e violenta de meados do século XX.

CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DE PORTUGAL

Entre os anos de 1933 e 1974, Portugal passou por um período denominado de Estado Novo, que posteriormente ficou conhecido como Ditadura Salazarista. Isso porque, na maior parte dessas décadas, o controle do país europeu ficou sob as mãos do Chefe de Estado, António de Oliveira Salazar. Eram tempos de censura, de violência policial¹ e de repressão, onde a vida privada dos portugueses era, incessantemente, vigiada e, quando necessário, punida.

Sob a mão de ferro de Salazar e da PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado), as famílias eram definidas a partir do conceito de marido-esposa-filho(s)(as), onde cada um desempenhava uma função específica. Ao homem, patriarca, era atribuída a responsabilidade de trabalhar fora de casa e obter dinheiro para sustentar seus dependentes; à mulher, era reservada a função de “fada-do-lar”, ou seja, aquela que cuidaria dos afazeres domésticos, como limpeza e preparação de alimentos, além de cuidar e educar os filhos, sobretudo que essa última fosse nos moldes do Estado Novo. Às crianças, os papéis eram, também, definidos a partir do gênero: quando menino, frequentava as escolas e a Mocidade Portuguesa (MP), uma associação cujo intuito era estimular a devoção à pátria, gerar um sentimento de gosto pela ordem e disciplina; enquanto as meninas ficavam em casa e auxiliavam a mãe nos afazeres domésticos, com o intuito de aprenderem para quando se tornassem a matriarca dos seus próprios núcleos familiares. A Figura 1 ilustra essa designação de funções:

¹ Foi neste período que surgiu a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), conhecida por reprimir as formas de oposição ao governo de António Salazar e ser a peça fundamental na censura que se cairia sobre as obras artísticas de meados do século XX.

Figura 1: A lição de Salazar



Fonte: *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias.*
Coord.: Ana Nunes de Almeida, 2011.

Na Figura 1, é possível observar o patriarca retornando à casa depois de um dia de trabalho; a mãe, cuidado de panelas e preparando alguma refeição; o filho vestindo o uniforme da Mocidade Portuguesa (MP) e a filha brincando com brinquedos relacionados a afazeres domésticos. Além deste dispositivo familiar, é importante ressaltar que, durante o Estado Novo, a religião católica era predominante em Portugal, estando presente sobretudo no lema: “Deus, Pátria, Família”. Na Figura 1, o altar dedicado a Deus se localiza no centro, sendo um indicativo da força que a religião exerce sobre as famílias portuguesas.

Dessa forma, não é de se estranhar que a própria vida sexual dos portugueses passasse por um tipo de regulamentação rigorosa. Segundo Veronica Policarpo (2011, p. 50), a moral sexual das meninas exigia a virgindade até o casamento, uma vez que o ato sexual, em si, tinha a função primordial, pautada na religião católica, da procriação. Ainda segundo a autora, aquelas que, ao se casar, não fossem mais virgens e, até mesmo aquelas inférteis, eram estigmatizadas da sociedade. Entretanto,

Ao mesmo tempo que as normas sociais vigentes na sociedade dos anos 50 e 60 reprimem a sexualidade das raparigas, sob pena de serem consideradas “impuras” ou “indecentes”, para os rapazes a norma é de tolerância e

permissividade. Por exemplo, para os homens nascidos entre 1942 e 1952, a idade média de iniciação sexual é de 17 anos, significativamente mais baixa do que a das mulheres na mesma geração (21 anos). Do mesmo modo, enquanto a maioria das mulheres tem as primeiras relações sexuais com um parceiro regular ou com o cônjuge, dos homens nascidos entre 1942 e 1952 (e que, portanto, fizeram a sua iniciação sexual, em média, entre 1959 e 1969), 42% tiveram as primeiras relações sexuais com uma parceira ocasional, 27% com uma parceira regular e apenas 6% com o cônjuge. Muitos homens fazem mesmo a sua iniciação com uma prostituta (25% dos nascidos entre 1942 e 1952). *Para o sexo masculino, esta forma de entrada na vida sexual activa faz parte de um ritual de iniciação e de confirmação da virilidade* (Policarpo, 2011, p. 51-52, grifo nosso).

É importante elencar essas informações porque é neste contexto que Carmen de Figueiredo lança seu romance, *Famintos...* (1950), uma obra que destoava das normas que regem o Estado Novo. É perceptível que suas personagens femininas, mais que meras reprodutoras, protagonizam a narrativa, tendo cenas e atribuições mais importantes que o próprio patriarca, António Luís. Talvez seja por isso que, ao proibir o livro, o censor da PIDE afirma que se trata de uma obra que se refere a uma vida familiar romanceada (Pedrosa, 2019).

No contexto artístico, sobretudo no que tange à literatura, Portugal passava por um conflito estético entre os modernistas, alicerçados nas revistas *Orpheu* e *Presença* (respectivamente, aos denominados 1º e 2º modernismo), e as nuances do Neorrealismo. Enquanto os primeiros defendiam a primazia da forma como parte mais importante da escrita, como a “arte pela arte”, os últimos acreditavam que a literatura deveria se debruçar sobre as questões políticas e sociais que afligiam Portugal e deixavam seus cidadãos à mercê da fome e da miséria. Segundo Vítor Viçoso (2007, p. 57), em contrapartida à autonomia absoluta da obra de arte, defendida pelos poetas da revista *Presença*, surgem os neorrealistas como arautos de uma arte social dedicada ao ponto de vista das massas populares e das forças progressistas que se levantavam contra os regimes autoritários da Europa.

Para Mário Dionísio o neo-realismo seria a síntese do romantismo e do realismo no quadro de uma apropriação e superação da nossa tradição literária. Descrever o real e contaminá-lo com o sonho corresponderia ao horizonte de expectativas de uma geração de escritores que se propõe doar a sua voz ficcional a um novo destinatário sociocultural. Na impossibilidade de um emissor proletário ou camponês, cabia aos intelectuais neo-realistas assumir a voz de todos aqueles que a não tinham ou que ainda a não podiam ter (Viçoso, 2007, p. 54).

Portanto, de um lado, poetas portugueses defendiam que a arte tinha uma função *per se*, que, desvinculada de seu contexto histórico, se autorregeria. Por outro lado, escritores alinhados com as perspectivas neorrealistas argumentavam que a escrita deveria atuar como um manifesto contra o governo repressor e em favor das classes subalternas. A censura, que efetivamente se debruçava sobre as formas de expressão artística, afetaria ambos os grupos, mas, sobretudo ao último, por expor uma sociedade fragilizada e que contrastava com a divulgada.

Dessa forma, é possível se questionar onde Carmen de Figueiredo, com *Famintos...* (1950), se inseriria: ao lado dos modernistas, como poetas das revistas *Orpheu* e *Presença*, ou com os neorrealistas? Talvez, em nenhum, uma vez que o romance não expõe as mazelas sociais de Portugal ao lado de um sonho imediato e, também, utópico de uma revolução das massas contra o governo ditatorial e repressivo. Figueiredo toca, de fato, nas diferenças entre as classes, através de personagens como Filipa e seu filho, Tibério, mas o núcleo central da narrativa é a família burguesa de António Luís e Ana Lúcia. A fome, aqui, de comida e de justiça social é tangenciada e dá lugar a outra fome, também subjugada pelo Estado Novo: a fome de sexo e da ânsia de saciar um desejo carnal.

MANUELA

Manuela, personagem do romance *Famintos...* (1950), de Carmen de Figueiredo, e objeto deste trabalho, é uma das filhas de António Luís e Ana Lúcia, sendo a irmã gêmea de Maria Teresa. Desde a infância, é perceptível que Manuela possui um feitio mais tímido, reservado, uma vez que Teresinha é descrita como a mais comunicativa (Figueiredo, 1950, p. 37). Em determinado momento, quando as irmãs se divertiam com o pai, Manuela insiste em querer subir a cavalo em António Luís e, por carregar Maria Teresa, a menina se sente frustrada por não realizar seu desejo, manchando “sua linda boquinha, com quantos nomes feios o Tibério lhe ensinava” (Figueiredo, 1950, p. 38). Com a repressão do pai (“meninas bonitas não são embirrentas, sabem esperar e não dizem tolices feias...” [Figueiredo, 1950, p. 38]), é possível perceber um aceno da narrativa para os dizeres do Estado Novo, sobretudo acerca do feminino e das “fadas-dolar”.

Com o tempo, a diferença entre as irmãs vai se tornando cada vez mais latente. Ao passo que

Manuela e Teresa continuavam inseparáveis. Com a idade, acentuara-se o feitiço concentrado e alarmante de Maria Manuela. Teresinha quase não podia suspirar mais fundo, sem que a irmã a fitasse, indo atrás desse suspiro. O noivo de Teresa sentia-se um pouco vexado com a permanência constante de Manuela junto deles. A gémea era deveras estranha. Por seu turno, António Luís, tinha, pelas noites de serão, enquanto nas eiras ia o alarido vibrante dos alegres descantes das descamisadas, banhadas pelo luaceiro vindo do céu impenetrável e liso, longas conversas com as duas filhas, perscrutando, desta forma e com mil cautelas, o íntimo daqueles seres que o destino irmanara, e tão díspares eram, física e moralmente. Teresa continuava a exuberante rapariga de sempre; irrequieta, expansiva, generosa e boa para todos, e agora sinceramente apaixonada pelo Armando [...] (Figueiredo, 1950, p. 88-89).

Com o trecho supracitado, é possível observar que Teresinha se mantém uma jovem comunicativa, expansiva, enquanto sua contraparte, Manuela, possui ainda um feitiço arisco e observador. Entretanto, a relação entre ambas ainda é próxima. É neste período que Rodrigo, irmão de António Luís, que havia se curvado à batina da Igreja Católica, percebe-se enamorado pela sobrinha, Manuela. Aqui, então, reside a ironia que Carmen de Figueiredo utiliza em *Famintos...* (1950) para com uma das primordiais instituições do Estado Novo: a religião; uma vez que o fato de se entregar para tal “missão solene” não define o caráter de Rodrigo².

Em determinado momento, Rodrigo, então, expõe para a irmã, Cristina, o seu amor por Manuela, de forma que o diálogo entre ambos é crucial para entender como o homoerotismo na personagem se manifesta:

— Ouve, meu bom Rodrigo, ainda é tempo. Esquece-a! António será inflexível. Apavoram-no, e com razão, as taras provenientes do sangue. Além disso, estou bem certa de que Manuela, com aquela sôfrega paixão por Teresa, nem sequer deu por ti. Nem dará nunca por nenhum homem...
— Quê? Tu que me dizes Cristina?! Aquelas ciúmalhas...

² É importante elencar aqui, também, que Rodrigo aceitou a batina depois de sua vida de jovem-adulto destinada à libertinagem, como expresso nos trechos: “[...] Também se de Lamas chegava a seus ouvidos [de D. Berta, mãe de António Luís] o alarme de qualquer loucura mais vermelha de Rodrigo, logo a boa senhora, ferida no seu orgulho de mãe, se metia a pé, pelos atalhos pedregosos e ásperas da serra, té ao passal ensombrado de nespereiras atarracadas, admoestando docemente o filho estremecido, chamando-o à razão do decóro, indicando-lhe uma vez mais, e sempre, o luminoso caminho do dever. [...]” (Figueiredo, 1950, p. 51) e “— Mas sabe, mamã, todo o mal provém exactamente disto: nos longos anos da clausura seminariesca, apresentam-nos a mulher como o mais terrível pecado e, depois, atiram-nos, a nós, pobres pastores esfomeados, para o meio do rebanho, ou seja, da tentação, da farturinha do Senhor...” (Figueiredo, 1950, p. 52), sendo esta última, fala da personagem de Rodrigo.

Fitava a irmã, ansioso, lívido, suspenso do que iria ouvir de aterrorador dos lábios que iam abrir-se. Mas Cristina retraiu-se.

— Eu não digo nada... Dessas aberrações não compreendo patavina. Abomino-as tanto, como abomino o agonizante lodo viscoso que se estende sob a água quieta de maravilhosos lagos, bordejados a flores... No entanto, devo dizer-te francamente que Manuela não é um ser normal. Mesmo que tu não estivesses amortilhado nessa batina negra, não era mulher que te conviesse. Observa-a e medita no que te digo. Olha que é também esse caso que ultimamente alucina o António. E agora dize-me: achas natural os zelos que ela sempre tem pela Teresa? E as cenas que ela faz ao Armando?! Claro, primeiro a estupidez da ama, depois o desprendimento da avó, e mais tarde a cegueira do Luís, foram terreno esplêndido para que a tara se desenvolvesse sem peias. Ninguém refreou seus primeiros ímpetos de selvagem anormalidade. Na idade crítica meteram idiotamente as raparigas num colégio, esquecendo sempre que a educação da futura mulher requer mais do que esses ambientes apropriados mas talhados em moldes sem garantia de êxito... Enfim, Manuela não casará! Mesmo não daria boa esposa. A Teresa, sim, é normal, é sadia. Vê como ela combate a doentia inclinação da irmã. Digo-te mais, se Teresinha tão rapidamente aceitou a corte ao Armando, e com ele vai casar, foi para se libertar daquele pesadelo. Afirmando-te. Olha que Manuela só consegue adormecer abraçada à Teresa!

— Espantoso! Isso é horrível. Realmente... já tinha visto há muito que Manuela era a sombra de Teresa... Quanto a ciúmes, apenas os notei desde que Armando começou a ir à quinta como noivo. De resto... Ah! Mas eu nunca pensei...

— Pensa agora, filho, é sempre tempo de evitarmos um passo em falso no caminho que de início apercebemos escorregadio...

— Não Cristina, nem assim, nem que eu tivesse a certeza de que ela era uma amoral, uma homossexual, eu deixaria de adorá-la! Amei-a porque a vi diferente, Manuela – sinto-o agora! – é a minha paixão de homem maduro. Cristina, dize-me o que hei-de fazer, imploro-te! (Figueiredo, 1950, p. 141-142).

A “anormalidade”, ou o “feitio doentio”, que tanto Rodrigo como Cristina expressam, pode se referenciar em duas questões que cercam a personagem de Manuela: sua possível paixão incestuosa pela irmã gêmea e/ou o seu desejo homoerótico por alguém do mesmo sexo. Neste ponto, é importante recorrer a Veronica Policarpo (2011, p. 52), que relembra que, durante o Estado Novo, a homossexualidade e todas as formas de sexualidade não reprodutiva eram reprimidas, equiparando sua imagem à do mendigo e do vadio, submetendo-a à perseguição e repressão. Ainda, neste período, a homossexualidade era colocada como uma doença digna de ser tratada, por se tratar de uma “terrível psicopatia sexual” (Policarpo, 2011, p. 53). Portanto, não é de se estranhar que a “doença”, nos termos das personagens, possa ser tanto o desejo homoerótico de Manuela, como seu sentimento incestuoso.

Retornando ao contexto de publicação do romance, nos anos de 1950, trazer uma personagem como Manuela é uma forma de rasurar essa sociedade portuguesa marcada pelo Estado Novo. Como afirmam Ana Oliveira e Aldinida Medeiros (2023, p. 20),

[...] a homoafetividade entre mulheres é uma das marcas da subversividade da escrita de Carmen de Figueiredo, não só por se tratar de uma relação afetiva entre mulheres, mas também pelo fato de ser uma abordagem feita por uma escritora. Isso porque o enfoque erótico nos textos literários do século XIX e primeira metade do século XX é, sobretudo, de autoria masculina [...] (Oliveira; Medeiros, 2023, p. 20).

Nesse sentido, é preciso, então, avançar com a narrativa. Os dias vão passando e o casamento de Maria Teresa com Armando vai se aproximando cada vez mais, chegando ao momento de se iniciarem os preparativos. Durante este período, Manuela passa por uma crise de amargura e nervosismo, mantendo-se distante de toda a família, inclusive da irmã gêmea. Em vários momentos da narrativa, é descrito que a personagem se encontra no “Mirante”, um lugar afastado da Quinta da Bela-Vista, onde ninguém decide procurá-la.

Quando os preparativos para o casamento de Maria Teresa e Armando vão chegando ao fim, Manuela, então, desperta de sua crise, que muito foi associada à crise apática que assolou Ana Lúcia após o parto das gêmeas. Neste despertar, há um diálogo crucial entre as irmãs, onde o sentimento de Manuela é, finalmente, expresso:

— Foi no Colégio, sim. Lembras-te da Amparo? Aquela espanhola que mais tarde foi expulsa... Olha, ensinou-me coisas abjectas, monstruosas. Desconhecia eu, totalmente, o que ela sabia. E pensei em ti! Tinha-te ao meu lado, dormíamos juntas. Amparo insinuava sensações espantosas. Pobre de mim, só as vislumbrava em ti... Abraçava-te, e sentia logo o que Amparito me segredava nos corredores, metendo-me ouvidos dentro o seu hálito escaldante; e não só nos corredores, era também nos intervalos, no recreio e na própria retrete, onde ia ter comigo, iludindo as professoras, trazendo sempre escondida no bibe uma fita amarela, a fita que posta a tiracolo, permitia a andança pelos corredores, caminho das “casinhas”, como lá se dizia... Adorei-te, foi isso... Nunca ouviste falar de instintos invertidos? Hoje compreendo eu, tudo... Ah!... (Figueiredo, 1950, p. 202).

No trecho acima é possível perceber, então, que Manuela teve sua iniciação sexual com outra garota do Colégio onde as gêmeas estudavam, Amparo. Entretanto, como ela mesmo afirma, tudo o que fazia com essa espanhola, pensava na irmã, Maria Teresa. Neste ponto, é preciso evocar o que Daniel Lance, com seu livro *Além do Desejo: literatura, sexualidades e ética* (2015), argumenta sobre as construções de sexualidade.

Para tanto, é preciso compreender que, para o autor, no desenvolvimento de uma sexualidade, há três agentes fundamentais: o sujeito, o objeto e o rival/modelo. Dessa

forma, estes atuarão de maneiras diferentes a partir do nível de rivalidade que exercem entre si, podendo ser esta mimética, ou seja, mínima, ou também máxima. Em cada etapa, a presença ou ausência de um agente ou outro permite a construção da sexualidade desse sujeito.

No princípio, na rivalidade mimética, há a atuação apenas do sujeito, do modelo e do objeto. O primeiro, na tentativa de “conquistar” seu objeto, busca tornar-se o modelo. Entretanto, o próprio outro também se eleva a um superobjeto, transformando essa busca em infrutífera. No segundo caso de rivalidade, há um combate entre o sujeito e o rival para a conquista do objeto. Tanto um como o outro tentarão se superar com o intuito de sair vitorioso cujo prêmio final é o próprio objeto. Em alguns casos, essa rivalidade atinge níveis alarmantes e desenvolve o que Daniel Lance (2015) chama de “rivalidade extrema”, onde o sujeito e o rival ficam tão imersivos no conflito que o objeto acaba desaparecendo: um quer se tornar a melhor versão do outro.

Com essa tríade em mente, é possível pensar que, no caso de *Famintos...* (1950), de Carmen de Figueiredo, Manuela, Amparo e Maria Teresa exercem uma rivalidade mimética, ou seja, mínima. Como sujeito, Manuela busca se tornar o seu modelo, Amparo, neste caso: essa persona que conhece as coisas “abjetas”, “monstruosas”, as “sensações espantosas” (Figueiredo, 1950, p. 202), isso para, enfim, conquistar seu objeto, Maria Teresa. Entretanto, essa última “evolui” ao ponto de se tornar um superobjeto, ficando, assim, inalcançável à irmã. Essa transformação, juntamente com a passagem do tempo, faz com que a rivalidade avance.

Com o aparecimento de Armando, a rivalidade deixa de ser mimética e passa a ser mediana, com a ação de agentes como sujeito, rival e objeto. Entretanto, aqui, a batalha também está perdida para Manuela. Com Armando como rival, a gêmea percebe que é impossível que ela o supere ou, ao menos, se iguale a ele. O objeto já está entregue nas mãos do outro. Por isso, por um momento na narrativa, Manuela se afasta e recusa toda e qualquer aproximação de familiares, exilando-se no “Mirante”.

Neste ponto, o que pode saltar aos olhos é: por que Manuela escolheria como seu objeto desejo a própria irmã, Maria Teresa? Em *Além do Desejo: literatura, sexualidades e ética* (2015), Daniel Lance argumenta que os primeiros vestígios de uma sexualidade são apontados, ainda na infância, a partir da relação da criança com a mãe ou o pai, como em um complexo de Édipo. Obviamente, com o avançar da idade, o agora jovem-

adolescente supera essa crise, inclusive pelo desejo de não mais identificar-se com nenhum dos agentes fraternais. Ora, se a mãe se encontra em um estado depressivo, distante, desde o nascimento das gêmeas e o pai se mudou para o exterior, a única persona próxima a Manuela para onde este desejo iniciatório poderia apontar seria para a irmã, Maria Teresa.

Entretanto, assim como usualmente aconteceria com a superação do complexo incestuoso, Manuela não desenvolve seu sentimento homoerótico. Em outras palavras, devido ao contexto social da narrativa, meados do século XX, a personagem não se permite apontar o seu desejo para outra pessoa, ou melhor, para outra mulher. O que ela sente é visto como uma psicopatia, como uma doença, e, para se proteger, cria um armário segregador ao seu redor. Para essa teorização de armário, apoiamo-nos em Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 22):

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.

Ou seja, ao fechar-se neste espaço limítrofe e segregador, Manuela não permite que sua sexualidade se desenvolva e, assim, sobrevive sufocada com o sentimento incestuoso que desenvolveu desde a tenra infância para com a irmã, Maria Teresa. É, ainda, neste lugar, que se leva ao fim trágico da personagem:

Teresa e Armando não poderiam dizer a que horas se tinham imobilizado no sono. À mesma hora, porém, e após instantes cruciais de desvairante sofrimento, Manuela paralisada pelo terror miserável que a tomara, soltava o último suspiro de vida. Quando, com um só rasgão brutal o macho operara a virgem transformando-a em mulher, a gémea sentira na garganta uns dedos de ferro em brasa, monstruosos, satânicos, a apertarem, a apertarem. O ar fugia-lhe.

Lívica, quisera levantar-se; mas na brusquidão do gesto, resvalou sem apoio, caindo pesadamente sobre o tapete. Sufocando os gemidos dilacerantes que lhe retalhavam a própria alma, enrodilhando-se sobre si mesma, como se violentamente lhe fossem cravando um punhal entre as espáduas, Manuela perdeu o alento em poucos minutos. Já de olhos enevoados pela estertorosa dispneia, inda tentou novo e último arranco para erguer-se. Em vão. Na sua carne dura de virgem, ela sentira o sacão doloroso dum rasgar violento de tecidos; o sacão dado pelo macho, e do qual sua irmã acabava de sair mulher! Cortara-se alfin o cordão umbilical que as unira sempre; assim findava, com o seu passamento inesperado, o trágico conflito em que vivera desde a puberdade, a gémea de singulares caprichos, nascida sob o signo dum complexo terrível.

Manuela só pela manhã foi encontrada de bruços sobre uma nódoa de sangue. O médico declarara tratar-se do rompimento dum vaso cardíaco. Estava morta. Nos olhos desmedidamente abertos, as pupilas mantinham, em derradeira afirmação, a hedionda expressão da loucura aflita. A boca estava retorcida, crispando-se num esgar feroz. Tinha as mãos enclavinadas, presas ao redondo dos mamilos. As unhas enterradas na carne, grudadas pela gelatina do sangue empastado, guardavam no segredo do seu gesto recurvo a tara do estrangulamento (Figueiredo, 1950, p. 223-224).

É sintomático que a morte de Manuela ocorra simultaneamente à perda da virgindade de sua gémea, Maria Teresa. O sentimento de angústia, de uma repressão contra si própria, leva a protagonista ao “rompimento dum vaso cardíaco” (Figueiredo, 1950, p. 224). Dialogando com Sedgwick (2007), e sua epistemologia do armário, é como se a personagem estivesse presa dentro deste sentimento homoerótico e incestuoso, e o mesmo fosse, metaforicamente, uma caixa que, a cada gesto, a cada passo, encolhia sobre si mesmo, pressionando-a. Sua morte, fato concreto, é simbolicamente causada por nunca ter podido se expressar, ou seja, por não ter tido a oportunidade de dizer quem era: uma mulher com desejos por outras mulheres. O que não é de se estranhar, afinal, a trama se passa em um contexto hostil e ditatorial, onde a violência psíquica, moral ou física contra a mulher e, sobretudo, contra pessoas com tendências homoeróticas, era a normalidade.

CONCLUSÕES

À guisa de conclusão, é perceptível como o romance de Carmen de Figueiredo, *Famintos...* (1950), rasura não somente o contexto social da época, marcado pela

violência do Estado Novo, mas também a maneira de expressar um desejo homoerótico através de uma personagem. Em meados do século XX, é compreensível que a ficção da escritora portuguesa tenha sido ignorada, devido à censura do período; entretanto, insistir neste ostracismo no século XXI é um tremendo equívoco, sendo necessário revisitar artistas que se dedicaram à escrita na época, sobretudo aqueles inseridos no rol do Neorrealismo, uma vez que é preciso conhecer e estudar o passado para que este não se repita no presente.

Quanto ao homoerotismo na personagem de Manuela, o contexto social e político da Ditadura Salazarista, a visão psicopatológica do desejo por alguém do mesmo sexo que permeava os estudos dos anos de 1950 (Policarpo, 2011), contribuíram efetivamente para o não desenvolvimento da sexualidade da personagem, aprisionando-a dentro de si mesma. Seu fim trágico, ou seja, sua morte, é apenas consequência da visão ortodoxa da sociedade em questão.

Outras teorias poderiam ser utilizadas como aporte teórico para a análise sobre o romance de Carmen de Figueiredo, sobretudo a personagem de Manuela, entre eles, uma teoria de personagens especificamente lésbicas, a chamada teoria *queer*. Entretanto, este trabalho, além do objetivo primordial de analisá-la à luz da teoria homoerótica, possuía também, como intenção, chamar a atenção de pesquisadores e leitores para a ficção portuguesa, escrita por mulheres, produzida em meados do século XX, no apogeu do governo de António Salazar. Para que assim, essas autoras possam, enfim, sair do armário segregador e censorial que as enclausuram há décadas.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo: Em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FIGUEIREDO, Carmen de. *Famintos....* Portugal: Editorial Domingos Barreira, 1950.

FLÁVIA DA SILVA OLIVEIRA, Ana; MEDEIROS, Aldinida. Famintos... e as marcas da subversão na escrita de Carmen de Figueiredo. *Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais (NAUS)*, [S. 1.], v. 6, n. 1, p. 11–23, 2023. Disponível em:

<https://revistas.ponteditora.org/index.php/naus/article/view/806>. Acesso em: 14 ago. 2025.

LANCE, Daniel. *Além do desejo: literatura, sexualidades e ética*. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

PEDROSA, Ana Bárbara. Carmen de Figueiredo: a proibição de “Famintos”. *Esquerda*. 2019. Disponível em: <https://www.esquerda.net/dossier/carmen-de-figueiredo-proibicao-de-famintos/62119>. Acesso em: 14 ago. 2025.

POLICARPO, Veronica. Sexualidades em construção, entre o privado e o público. In: MATTOSO, José; ALMEIDA, Ana Nunes de (Org.). *História privada em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. p. 48-79.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. *Cadernos PAGU*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 14 ago. 2025.

VALENTIM, Jorge Vicente. *Corpo no outro corpo: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

VALENTIM, Jorge Vicente. *Xerazades silenciadas: a ficção de autoria feminina e a censura do Estado Novo Salazarista (1940-1960)*. São Paulo: Editora Unesp, 2025.

VIÇOSO, Vítor. A ficção narrativa no movimento neo-realista: as vozes sociais e os universos da ficção. In: SANTOS, David (Coord.). *Batalha pelo conteúdo*. Exposição documental – Movimento neo-realista português. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. p. 46-153.

Recebido em: 30/01/2026

Aceito em: 29/04/2026

Maurício Félix: graduado em Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em 2019, na cidade de Uberaba. É mestre em Estudos de Literatura, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com a pesquisa em torno do homoerotismo na ficção do escritor português Frederico

Lourenço. Atualmente é Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da UFSCar, com ênfase no homoerotismo e na homoafetividade na Novíssima Literatura Portuguesa, ou seja, na ficção produzida a partir da virada do século.

Jorge Vicente Valentim: professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras da UFSCar, com apresentação e defesa de tese: A "prateleira hipotética": seis propostas da novíssima ficção portuguesa para o atual milênio (2000-2022), publicada posteriormente pela Editora da UNICAMP. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e Bolsista de Pesquisa no Exterior da FAPESP (2023/06790-5), durante o ano de 2024, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde atuou como Pesquisador convidado do CECOMP (Centro de Estudos Comparatistas). Investigador Visitante do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Possui Graduação em Letras (1990), em Música (1999) e Licenciatura Plena em Letras (1991) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em nível de Pós-Graduação, possui Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa, 1996) e Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa, 2004) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem Pós-Doutorado em Estudos Ruianos (com bolsa FAPERJ, 2006) e em Literatura Portuguesa (com bolsa Sênior CAPES, 2013). Atuou em Cargos Administrativos: Chefe (2010-2011) e Vice-Chefe (2011-2012) do Departamento de Letras; Vice-Coordenador (2013-2015) e Coordenador (2015-2016) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit/CECH) da UFSCar. É Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), além de atuar como Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara). Foi Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), na gestão 2022-2023. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura portuguesa, estudos literários, literatura, gênero e homoerotismo, literaturas africanas de língua portuguesa e estudos interartes.